
AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DA AUTOIMAGEM CORPORAL, AUTOESTIMA E RISCO PARA O DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS ALIMENTARES EM DISCENTES DO CURSO DE NUTRIÇÃO DO IFCEMarília Honorato Santiago¹, Paulo Marconi Linhares Mendonça¹**RESUMO**

Introdução: A insatisfação corporal é apontada como um dos principais fatores para o desenvolvimento de transtornos alimentares. A literatura aponta que profissionais e estudantes de nutrição estão entre os mais acometidos. Objetivo: Avaliar a associação entre a percepção da autoimagem corporal, autoestima e riscos para o desenvolvimento de transtornos alimentares em discentes do curso de nutrição do IFCE. Materiais e métodos: Estudo transversal, descritivo e quanti-qualitativo, com estudantes de nutrição, realizado mediante formulário online. Aplicou-se o Body Shape Questionnaire (BSQ), Escala de Silhueta de Stunkard, Escala de Autoestima de Rosenberg e o Eating Attitudes Test (EAT-26). Foram realizados testes de associação adotando significância de 95% ($p < 0,05$). Resultados: Amostra composta por 53 alunos, onde as médias e DP \pm de idade e IMC foram 23,49 \pm 5,45 e 22,93 \pm 3,02 respectivamente. As prevalências foram de que 64% encontram-se eutróficos, 25% sobrepeso e 11% em desnutrição grau I; 19% apresentaram preocupação com a imagem corporal pelo BSQ; 87% apresentaram insatisfação corporal na escala de silhuetas; 57% autoestima média e 34% comportamento de risco para transtorno alimentar. Houve associação significativa entre BSQ e EAT-26 ($p = 0,001$). As demais variáveis não apresentaram significância estatística ao associá-las ao EAT-26. Conclusão: Houve associação estatística entre imagem corporal e comportamento alimentar inadequado. Embora a maioria dos estudantes estarem eutróficos e com autoestima relativamente boa, também apresentaram alto percentual de insatisfação corporal e prevalência de risco para transtorno alimentar.

Palavras-chave: Transtornos nutricionais. Imagem corporal. Estudantes.

1 - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Limoeiro do Norte-CE, Brasil.

ABSTRACT

Evaluation of perception of body self-image, self-esteem and risk for the development of eating disorders in IFCE nutrition course students

Introduction: Body dissatisfaction is identified as one of the main factors for the development of eating disorders. The literature points out that nutrition professionals and students are among the most affected. Objective: to evaluate the association between the perception of body self-image, self-esteem, and risks for the development of eating disorders in IFCE nutrition course students. Materials and methods: cross-sectional, descriptive, and quanti-qualitative study with nutrition students, carried out through an online form. The Body Shape Questionnaire (BSQ), Stunkard's Silhouette Scale, Rosenberg's Self-Esteem Scale, and the Eating Attitudes Test (EAT-26) were applied. Association tests were performed, adopting a significance level of 95% ($p < 0.05$). Results: sample composed of 53 students, where the means and SD \pm of age and BMI were 23.49 \pm 5.45 and 22.93 \pm 3.02 respectively. The prevalence was that 64% were eutrophic, 25% were overweight and 11% had grade I malnutrition; 19% were concerned about their body image by the BSQ; 87% showed body dissatisfaction on the silhouette scale; 57% had average self-esteem and 34% had risk behavior for eating disorders. There was a significant association between BSQ and EAT-26 ($p = 0.001$). Conclusion: there was a statistical association between body image and inappropriate eating behavior. Although most students are eutrophic and with relatively good self-esteem, they also showed a high percentage of body dissatisfaction and prevalence of risk for eating disorders.

Key words: Nutritional disorders. Body image. Students.

E-mail dos autores:
marilia.honorato.santiago.60@aluno.ifce.edu.br
r
pmarconi@ifce.edu.br

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem-se observado um crescente número de pessoas insatisfeitas com sua imagem corporal, ocasionando uma busca incansável pelo corpo perfeito através de medidas inadequadas, como a realização de dietas sem acompanhamento profissional e prática de jejuns e exercícios físicos em excesso (Gonçalves e colaboradores, 2013).

A insatisfação corporal é apontada como um dos principais fatores para adoção de comportamentos alimentares anormais e causa para o desenvolvimento de transtornos alimentares (Heider, Spruyt, Houwer, 2018; Carvalho e colaboradores, 2013).

A imagem corporal (IC) pode ser definida como a representação mental da figura do próprio corpo, que inclui elementos psicológicos, físicos, emocionais e sociais.

Sendo essa representação mental influenciada tanto pela interação entre o indivíduo e o meio em que se vive, quanto pelos sentimentos que uma pessoa tem com relação a sua forma e tamanho de corpo (Silva e colaboradores, 2019).

Transtornos alimentares (TAs) são quadros psicopatológicos, sendo caracterizados principalmente pela adoção de comportamentos alimentares inadequados e distorção da imagem corporal, podendo ocasionar danos à saúde física e prejuízos emocionais e sociais.

Alguns fatores podem influenciar o seu desenvolvimento, entre eles, os fatores biológicos, psicológicos e socioculturais (Bento e colaboradores, 2016).

Dentre os quadros psicopatológicos mais comuns que compõem os transtornos alimentares (TAs), estão a anorexia nervosa (AN) e a bulimia nervosa (BN). Ambas levam a pessoa a ter uma visão distorcida de sua imagem corporal (IC) (Nunes, Santos, Souza, 2017).

Indivíduos com AN ou BN apresentam alterações emocionais antes mesmo de apresentarem sintomatologia desses transtornos.

Algumas dessas alterações são a insatisfação com alguma parte específica do corpo, o descontentamento com o peso e alterações na percepção corporal.

Esses indivíduos geralmente acabam se submetendo a dietas mesmo estando dentro de todos os padrões de normalidade

relacionados ao índice de massa corporal (Gaudio e colaboradores, 2018).

Outro fator psicológico, que vem sendo bastante explorado e que pode estar associado ao comportamento de risco para o desenvolvimento de TA, é a autoestima, sendo ela definida como uma avaliação que o indivíduo tem a respeito de seu próprio valor, competência e adequação, gerando assim um sentimento positivo ou negativo acerca de si mesma (Rosenberg, 1965).

O baixo nível de autoestima está diretamente relacionado a maior insatisfação corporal, devido à diminuição do bem-estar emocional e aparência física (Tribess, 2006).

O nível elevado de insatisfação corporal relatado em pesquisas com estudantes da área da saúde, especialmente de nutrição, mostram que o desejo em se ter um corpo mais alto e mais magro está cada vez mais presente, mesmo estes estando em estado nutricional adequado. Esses achados geram uma preocupação, já que se trata de futuros profissionais com a devida função de identificar e tratar de forma correta aqueles que apresentam essas distorções corporais e alterações no comportamento alimentar (Bandeira e colaboradores, 2016).

Profissionais e estudantes de nutrição possuem um papel significativo na conscientização sobre uma alimentação e vida saudável. Por essa razão, a cobrança por um corpo perfeito e alimentação excessivamente correta é extremamente exercido pela sociedade, sendo mais um fator contribuinte para tais alterações (Bernardino e colaboradores, 2019).

Portanto, diante do exposto, nota-se que a prevalência de risco para transtornos alimentares em estudantes dessa área tem crescido significativamente nos últimos anos, sendo esse público o mais vulnerável em desenvolver alterações na percepção da sua imagem corporal e conseqüentemente uma possível diminuição da sua autoestima, sujeitando-se a adotar comportamentos de risco com o intuito de se adequar aos padrões físicos preditos, o que leva ao desenvolvimento de transtornos alimentares.

Desta forma, teve-se como objetivo de estudo avaliar a relação entre a percepção da autoimagem corporal, autoestima e riscos para o desenvolvimento de transtornos alimentares em estudantes do curso de nutrição.

MATERIAIS E MÉTODOS

Amostra e delineamento de estudo

Trata-se de um estudo transversal, com característica descritiva, sendo de natureza quanti-qualitativa, realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), campus Limoeiro do Norte (Ceará). A coleta de dados foi feita em junho e julho de 2021, através de formulário online elaborado no Google forms, sendo os alunos convidados a participar através de divulgação em grupos de redes sociais e e-mail, obtendo-se uma amostra aleatória simples.

O curso tem o total de 170 alunos matriculados no ano de 2021 de forma regular, sendo esta a população estudada.

Foi definida uma amostra de 53 alunos após o cálculo amostral, que considera o nível de confiança de 95% e margem de erro de 5% (Triola, Farias, Flores, 2014).

Participaram da pesquisa 53 estudantes do curso de Nutrição, de ambos os sexos, com faixa etária entre 18 e 45 anos, matriculados entre o 1º e 8º semestre.

Os critérios de inclusão foram alunos que estavam cursando de forma regular qualquer período do curso durante o ano de 2021, que estavam na faixa etária entre 18 e 59 anos e que concordaram e assinaram o TCLE. Os critérios de exclusão foram alunas grávidas e/ou lactantes. Sendo assim, neste estudo não houve nenhuma exclusão, participando a amostra completa.

O projeto foi aprovado em junho de 2021 pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFCE, sob o parecer nº 4.756.261.

Instrumentos

Foi solicitado que os alunos preenchessem o formulário online fornecendo dados sobre as características sociodemográficas, composta pelas perguntas: nome, sexo, idade, data de nascimento, período do curso, e-mail, telefone e dados antropométricos (estatura (m) e peso (Kg)).

Foi utilizado o Body Shape Questionnaire (BSQ), desenvolvido por Cooper e colaboradores (1987), adaptado e validado no Brasil para estudantes universitários por Di Pietro e Silveira (2008).

Esse instrumento contém 34 perguntas de autoavaliação e mensura o nível de preocupação quanto à forma do corpo e ao

grau de insatisfação com a imagem corporal, através da somatória da pontuação de cada questão obtida ao final do questionário: ausência de distorção (≤ 110 pontos); leve distorção (> 110 e ≤ 138 pontos); moderada distorção (> 138 e ≤ 167 pontos); grave distorção (> 167 pontos) (Di Pietro e Silveira, 2008).

Escala de Silhuetas de Stunkard proposto por Stunkard, Sorensen e Schulsinger (1983) com o propósito de avaliar a presença de satisfação ou insatisfação com a imagem corporal.

Contém 9 figuras masculinas e 9 figuras femininas enumeradas de 1 a 9, iniciando pela figura mais magra (1) até a mais gorda (9), em que o indivíduo deverá escolher a figura que representa sua aparência física atual (real) e, em seguida, a figura que representa a aparência física que gostaria de ter (ideal).

Pontuação igual 0 significa que o indivíduo está satisfeito com seu corpo, maior ou menor que 0, o indivíduo é classificado como insatisfeito com sua imagem corporal, sendo valores positivos classificados como "insatisfação por excesso de peso" e valores negativos "insatisfação por magreza" (Ferrari, 2012).

Para a autoestima, foi utilizado a escala de autoestima de Rosenberg (1965), adaptada e validada para o Brasil por Hutz em 2000, e revisada por Hutz e Zanon (2011), apresentando validade de construto e mostrando uma boa consistência interna. É um instrumento autoaplicável, composto por 10 afirmativas relacionadas à autoestima e auto aceitação, sendo metade das afirmativas construídas com teor positivo e a outra metade com teor negativo.

Cada afirmativa apresenta quatro opções de respostas organizadas no modelo likert, sendo elas: (1) discordo totalmente; (2) discordo; (3) concordo; (4) concordo totalmente. O score final pode variar de 10 a 40 pontos sendo que quanto maior for o score final maior será o nível de autoestima do indivíduo. O escore entre 10 – 20 pontos recebe a classificação "baixa autoestima", entre 21 – 30 pontos "média autoestima", e pontuação entre 31 – 40 é classificado como "elevada autoestima" (Hutz e Zanon, 2011; Farias, 2015).

Por último, perguntas relacionadas ao comportamento de risco para transtornos alimentares, utilizando o questionário Eating Attitudes Test (EAT-26).

Instrumento desenvolvido por Garner e Garfinkel, em 1979, teve sua versão reduzida por Garner e colaboradores (1982) e validada no Brasil por Bighetti (2003).

O instrumento é utilizado para verificar a presença de padrões alimentares anormais. É composto por 26 questões agrupadas em diferentes aspectos do comportamento alimentar.

O questionário fornece informações sobre o nível de preocupação típicos de indivíduos relacionados aos transtornos alimentares, especificamente intenção de emagrecer e medo de ganhar peso. Podendo receber de 0 a 3 pontos, (nunca= 0; quase nunca=0; poucas vezes=0; às vezes=1; muitas vezes=2 e sempre=3).

A pontuação final pode variar de 0 a 78 pontos, tendo 21 como ponto de corte estabelecido pelos autores. Com pontuação \geq a 21, o indivíduo é classificado como “presença de sintomas de transtornos alimentares” (Bighetti, 2003).

Adicionalmente aos instrumentos, foi solicitado que os estudantes auto referissem seu peso e altura visando realizar o cálculo do IMC e consequentemente a classificação do estado nutricional conforme a WHO (1995).

Análise estatística

Análise descritiva deteve-se às variáveis apresentadas em frequências absolutas e relativas, média, desvio padrão e valores mínimos e máximos, seguidos de testes de associação, visto que se trata de variáveis categóricas.

Foi utilizado o teste Qui-quadrado ou Exato de Fisher, ambos com significância estatística de 95% ($p < 0,05$). As variáveis utilizadas nos testes foram: EAT-26, BSQ, Silhueta, Autoestima e Estado Nutricional. Os dados foram tabulados no Excel 2016 e analisados no programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 23.

RESULTADOS

Caracterização descritiva das variáveis

Neste estudo, participaram 53 alunos do curso de nutrição, sendo 36% ($n=19$) dos participantes pertencentes entre o 1° e 4° semestre e 64% ($n=34$), entre o 5° e 8° semestre. Quanto ao gênero dos participantes, 89% ($n=47$) foram do sexo feminino, e 11% ($n=6$), do sexo masculino, conforme mostra a tabela 1.

Tabela 1 - Análise descritiva do semestre e gênero dos discentes de Nutrição do IFCE, Limoeiro do Norte-CE ($n=53$), 2021.

Características	Semestre		Gênero	
	1° ao 4°	5° ao 8°	Feminino	Masculino
	n	19	34	47
(%)	36	64	89	11
Total	53	100	53	100

Em relação a faixa etária, os participantes encontravam-se entre a idade mínima de 18 e máxima de 45 anos, sendo a média 23,49 anos ($\pm 5,45$).

As medidas antropométricas autorreferidas pelos estudantes apresentaram média de peso 60,62 kg ($\pm 10,52$), sendo o

mínimo de 43 kg e máximo de 105 kg; e altura média de 1,63 m ($\pm 0,08$), mínimo 1,48 m, e máximo 1,91 m.

O IMC com média de 22,93 kg/m² ($\pm 3,02$), mínimo 17,50 kg/m² e máximo 28,90 kg/m². Mostrando que o IMC médio se encontra adequado, conforme visto na tabela 2.

Tabela 2 - Análise descritiva da idade e dados antropométricos dos discentes de Nutrição do IFCE, Limoeiro do Norte-CE (n=53), 2021.

Características				
	Faixa etária (anos)	Peso (kg)	Estatura (m)	IMC (kg/m ²)
Mínimo	18	43	1,48	17,50
Máximo	45	105	1,91	28,90
Média	23,49	60,62	1,63	22,93
±DP	±5,45	±10,52	±0,08	±3,02

Legenda: IMC: Índice de Massa Corporal, DP: Desvio Padrão.

Quanto ao Índice de Massa Corporal (IMC), pode-se verificar que 6 (11,3%) alunos encontravam-se em desnutrição grau I, 34 (64,2%) em estado de eutrofia e 13 (24,5%) em sobrepeso, conforme a classificação da OMS.

A análise do instrumento BSQ mostrou o escore médio de 80,98 (±29,05), mínimo 38 e máximo 159 pontos. Neste segmento, o

instrumento Silhueta de Stunkard apresentou média de 0,49 (±1,35), mínimo de -2 e máximo de 3. A escala de autoestima de Rosenberg mostrou uma média de 29,18 (±5,29), sendo valor mínimo de 17 e máximo de 40 pontos.

Por fim, o instrumento EAT-26 revelou uma média de 16,62 (±8,5), mínimo de 3 e máximo de 44 pontos, conforme a tabela 3.

Tabela 3 - Análise descritiva dos instrumentos utilizados com os discentes de Nutrição do IFCE, Limoeiro do Norte-CE (n=53), 2021.

Variáveis				
	BSQ	ESS	EAR	EAT-26
Mínimo	38	-2	17	3
Máximo	159	3	40	44
Média	80,98	0,49	29,18	16,62
±DP	±29,05	±1,35	±5,29	±8,5

Legenda: BSQ: Body Shape Questionnaire ESS: Escala de Silhuetas de Stunkard EAR: Escala de Autoestima de Rosenberg; EAT-26: Eating Test Attitudes; DP: Desvio Padrão.

De acordo com a classificação do BSQ, 81,1% (n=43) dos alunos apresentaram ausência de distorção ou preocupação quanto a imagem corporal, 15,1% (n=8) apresentaram leve distorção e 3,8% (n=2) moderada distorção da IC.

O resultado da escala de silhuetas de Stunkard mostrou que 13,2% (n=7) dos estudantes estavam satisfeitos com sua IC; 58,5% (n=31), insatisfeitos por excesso de

peso; e 28,3% (n=15), insatisfeitos por magreza. A classificação da EAR apontou que 35,8% (n=19) tinham um nível elevado de autoestima, enquanto 58,5% (n=31), nível médio; e 5,7% (n=3), baixo nível de autoestima.

A classificação final do EAT-26 mostrou que 34% (n=18) dos alunos apresentaram riscos para o desenvolvimento de transtornos alimentares, e 66% (n=35) não apresentaram nenhum risco, como é mostrado na tabela 4.

Tabela 4 - Prevalência de insatisfação corporal, autoestima e risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares em discentes do curso de Nutrição do IFCE, campus Limoeiro do Norte- CE (n=53), 2021.

Instrumento	Classificação	n	%
BSQ	Ausência de distorção da IC	43	81,1
	Leve distorção da IC	8	15,1
	Moderada distorção da IC	2	3,8
	Total	53	100,0
ESS	Satisfação	7	13,2
	Insatisfação por excesso de peso	31	58,5
	Insatisfação por magreza	15	28,3
	Total	53	100,0
EAR	Baixa autoestima	3	5,7
	Média autoestima	31	58,5
	Elevada autoestima	19	35,8
	Total	53	100,0
EAT-26	Sem risco para TA (<21)	35	66,0
	Risco para TA (≥21)	18	34,0
	Total	53	100,0

Legenda: IC: Imagem Corporal; BSQ: Body Shape Questionnaire; ESS: Escala de Silhuetas de Stunkard; EAR: Escala de Autoestima de Rosenberg; EAT-26: Eating Test Attitudes.

Associações

Ao analisar as associações entre as variáveis independente (BSQ, Silhueta, Autoestima e Estado nutricional) com a dependente (EAT-26), foi possível observar que houve uma associação significativa entre a

variável BSQ e EAT-26, encontrando-se um valor de $p < 0,05$.

As demais variáveis não apresentaram nenhuma significância estatística correlacionadas, como pode ser visto na tabela 5.

Tabela 5 - Associação entre autoimagem corporal, autoestima, estado nutricional e risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares em discentes do curso de Nutrição do IFCE, campus Limoeiro do Norte-CE (n=53), 2021.

	EAT-26		p-valor
	Teste	Gl	
BSQ	Exato de Fisher		$p = 0,001^*$
Silhueta	Exato de Fisher		$p = 1,000$
Autoestima	Qui-quadrado	0,876(1)	$p = 0,349$
Estado nutricional	Qui-quadrado	0,75(1)	$p = 0,784$

Legenda: Associação significativa quando * $p < 0,05$; BSQ: Body Shape Questionnaire; EAT-26: Eating Test Attitudes.

DISCUSSÃO

Constatou-se prevalência do sexo feminino (89%) em relação ao sexo masculino (11%) no atual estudo, o que já é esperado e pode ser visto em estudos realizados com cursos da área da saúde como os feitos por Bernardino e colaboradores (2019) e Garcia, Castro e Soares (2010).

Com relação ao estado nutricional, 64% dos estudantes encontravam-se eutróficos, 25% sobrepeso e 11% em

desnutrição grau I. Este resultado se assemelha a um estudo realizado no mesmo local por Maia e colaboradores (2018).

Ao observar prevalências de comportamento alimentar anormal e insatisfação com imagem corporal, em estudos que utilizaram o EAT-26, BSQ e Escala de Silhuetas, é possível verificar resultados diversificados, que variam de acordo com as características da amostra estudada.

Ao analisar a insatisfação corporal a partir do BSQ, verificou-se que

aproximadamente 19% dos estudantes encontravam-se com algum grau de alteração na percepção corporal, sendo de leve a moderado.

Moura e colaboradores (2017) mostraram em seu estudo que 79,63% dos alunos de nutrição não apresentaram alterações na percepção da sua imagem corporal e que 20,37% apresentaram pelo menos um grau de distorção.

Assim como no estudo de Gusmão, Silva e Port (2017), onde 80% demonstraram ausência de distorção corporal enquanto 20% apresentaram distorção entre leve e moderada. Aproximando-se do resultado encontrado neste estudo de 81% e 19% respectivamente.

Por outro lado, é possível encontrar percentuais maiores de distorção corporal em estudantes de nutrição, como os achados por Bernardino e colaboradores (2019), Maia e colaboradores (2018), onde os percentuais foram de 30%, 38,8% e 46,1%, respectivamente.

É importante destacar que apesar do presente estudo mostrar uma baixa prevalência de distorção na amostra estudada, ainda assim se trata de futuros profissionais que deverão ter um olhar clínico para detectar e adotar condutas adequadas com indivíduos que apresentem esse quadro de distorção.

Verificou-se também utilizando a escala de silhuetas de Stunkard que cerca de 87% da amostra apresentou alguma insatisfação corporal e apenas 13% estavam satisfeitos.

Esse achado se assemelha aos resultados obtidos na pesquisa de Moreira e colaboradores (2017), que mostrou que 76,1% dos alunos estavam insatisfeitos por excesso ou magreza; e somente 24%, satisfeitos com sua IC.

Já em outro estudo realizado por Lizot e Nicoletto (2018) com acadêmicos de nutrição em uma universidade privada, a prevalência achada de alguma insatisfação corporal foi mais baixa que a encontrada neste estudo, sendo ela de 59,2%.

É possível que essa insatisfação corporal esteja ligada à mídia, às redes sociais e à sociedade em geral, que exercem grande influência sobre ditar o que é bonito ou não, e impor padrões de beleza caracterizados pela magreza excessiva, corpos torneados e bem definidos.

Quanto à variável autoestima, os alunos apresentaram uma média de 29,18

pontos, revelando um nível médio de autoestima. Este resultado vai ao encontro ao estudo de Santos e colaboradores (2019), que mostrou que estudantes de nutrição possuíam uma média menor se comparado aos outros cursos, sendo ela de 31,29.

Pode ser que o menor score de autoestima encontrado em estudantes de nutrição, quando comparado com alunos de outros cursos, se dê pelo motivo da exigência por uma aparência física mais próxima do padrão corporal idealizado pela mídia e sociedade.

Além de existir também uma forte associação entre a forma física do profissional nutricionista e sua capacidade de exercer sua profissão com excelência, contribuindo possivelmente para a diminuição da sua autoestima e conseqüentemente um padrão alimentar anormal por não conseguir atingir algo muitas vezes inatingível.

Ao analisar o risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares (TA) através do EAT-26, foi possível observar que 34% dos estudantes apresentaram risco.

O EAT-26, igualmente a outros instrumentos de avaliação, não realiza o diagnóstico de transtornos alimentares (TA), mas, sim, apontamentos sobre a presença ou não de comportamentos de risco para o seu desenvolvimento.

Estudos realizados com estudantes de nutrição revelam níveis elevados de comportamentos de riscos para TA quando aplicado o EAT-26. Isso pode ser observado em um estudo realizado por Penz, Bosco e Vieira (2008), com 203 alunos de nutrição, que mostrou que 35% da amostra apresentou riscos para o desenvolvimento de TA, corroborando com os resultados apresentados neste estudo.

Um estudo recente realizado por Bernardino e colaboradores (2019), com os cursos da saúde das Faculdades Integradas de Bauru, apontou que 30,6% da amostra revelou ter resultado positivo para o risco de desenvolvimento de TA, o que só reforça os dados apresentados neste estudo.

Moreira e colaboradores (2017) também registraram, em seu estudo comparativo entre estudantes de nutrição e de administração, maior risco de TA em estudantes de nutrição, onde se obteve um percentual de 25% enquanto os de administração 14,6%.

Assim como na pesquisa realizada por Guimarães (2018) com estudantes de nutrição

e pedagogia, onde foi possível verificar que o grupo de nutrição tinha um percentual maior de comportamento alimentar de risco, sendo ele de 14,6%; enquanto o de pedagogia, 6,2%.

Essa alta prevalência de risco para TA em estudantes de nutrição pode ser resultado da pressão social e psicológica aplicada, onde há uma exigência por uma alimentação excessivamente correta e um corpo ideal.

Por outro lado, estudos como o de Bosi e colaboradores (2014), com estudantes de medicina, e de Lizot e Nicolletto (2018), com alunos de nutrição, revelaram que apenas 19% e 16,2% dos estudantes, respectivamente, apresentaram riscos para TA.

De acordo com Fiates e Salles (2001), uma prevalência de EAT+ maior que 20% são consideradas preocupante. Sendo assim, o valor encontrado na amostra do presente estudo deve ser visto com atenção, já que se trata de 34%.

Esses achados nos mostram que pertencer a cursos da área da saúde, em especial de nutrição, é um fator de risco significativo para o desenvolvimento de TA.

Ao fazer a associação entre as variáveis, foi possível observar que a única variável independente que teve associação significativa com a variável dependente (EAT-26) foi a presença de preocupação e distorção da IC através do BSQ.

Cruz, Campos e Maynard (2021), ao analisar em seu estudo a insatisfação corporal pelo BSQ e risco de transtorno alimentar através do EAT-26, em 306 indivíduos, pôde encontrar uma relação estatística ($p=0,000$), indicando que houve significância entre as duas variáveis, o que se assemelha ao resultado encontrado no presente estudo, onde a associação estatística mostrou ser significativa ($p=0,001$).

No mesmo estudo, houve a associação entre a autoestima através da escala de autoestima de Rosenberg (EAR) e riscos para transtorno alimentar (EAT-26), em que estes não apresentaram nenhuma correlação estatisticamente significativa ($p=0,220$). Este achado se assimila ao encontrado neste estudo ($p=0,349$).

Com relação ao estado nutricional, foi possível verificar que a maioria dos estudantes se encontravam eutróficos. Apesar disso, a insatisfação corporal e o risco de transtorno alimentar também se mostraram elevados na amostra.

Moraes e colaboradores (2016) em seu estudo também verificaram que não houve associação significativa ($p=0,089$) entre a referida variável e EAT-26+, assim como os resultados apresentados por Kirsten e colaboradores (2009) com ($p=0,32$). Esses dados vão ao encontro com a literatura, que aponta que bailarinos, modelos e profissionais da área da saúde, principalmente nutricionistas, apresentam maior risco de desenvolvimento de transtorno alimentar, mesmo estando em estado nutricional adequado (Silva e colaboradores, 2012), o que é extremamente sério e deve ser visto com mais atenção.

Comparando este estudo com o realizado por Maia e colaboradores (2018), também com estudantes de nutrição da mesma instituição, foi possível observar que houve um crescimento significativo no risco de desenvolvimento de transtornos alimentares, sendo que os autores encontraram 9,62%, em sua amostra de 52 participantes, enquanto o presente estudo, 34%.

É importante procurar entender as causas para adoção de comportamentos de risco alimentar durante a vida acadêmica e buscar estratégias preventivas.

Stice e colaboradores (2019) demonstram que estratégias já vêm sendo desenvolvidas com grupos que apresentam maior risco para TA, como programas preventivos com base na dissonância cognitiva que podem ser inseridos na formação de estudantes como um método de prevenção para TA.

Este estudo apresenta limitações relacionadas ao tamanho da amostra, por ser reduzida e centralizada apenas a um curso e instituição de ensino superior, podendo ter um viés maior justamente por se tratar do curso de nutrição, estreitando comparações com outros cursos e até mesmo com outras instituições.

Apesar disso, a amostra foi compatível com o cálculo amostral, indicando ser um número suficiente para as interpretações e análises utilizadas.

Outra limitação foi referente à não separação de gêneros, visto que a representatividade de homens participantes na pesquisa foi baixa, optando-se então por incluí-los dentro da análise de forma conjunta.

CONCLUSÃO

Neste estudo, foi encontrada associação estatística significativa entre

imagem corporal através do BSQ e risco para transtornos alimentares através do EAT-26.

O estudo também mostrou alta prevalência de insatisfação corporal através da escala de silhuetas e de autoestima não elevada na amostra analisada.

Dessa forma, como a etiologia dos transtornos alimentares é multidimensional, envolvendo fatores biológicos, psicológicos e socioculturais, é importante salientar que devido a pesquisa ter ocorrido durante a pandemia, em que fatores como isolamento social, transtornos psicológicos e psiquiátricos podem influenciar a percepção corporal e a autoestima, de forma não prevista pelos questionários utilizados pode ter influenciado neste aumento de 34% da população em risco de desenvolvimento de transtornos.

Sendo assim, estes achados reforçam que estudantes da área da saúde ainda continuam fazendo parte do grupo de risco para tais psicopatologias.

Estudos com essa temática devem ser explorados e associados aos vários fatores que podem ser determinantes para o aumento do risco desses transtornos em estudantes, que futuramente exercerão papel de cuidadores e promovedores de saúde, de modo a encontrar estratégias que colaborem para prevenção e diminuição da ocorrência deles.

REFERÊNCIAS

1-Bandeira, Y.E.R.; Mendes, A.L.R.F.; Cavalcante, A.C.M.; Arruda, S.P.M. Avaliação da imagem corporal de estudantes do curso de Nutrição de um centro universitário particular de Fortaleza. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 65. Num. 2. 2016. p.168-73.

2-Bento, K.M.; e colaboradores. Transtornos alimentares, imagem corporal e estado nutricional em universitárias de Petrolina-PE. *Revista brasileira de Ciência da Saúde*. Vol. 20. Num. 3. 2016. p. 197-202.

3-Bernardino, M.R.; Souza, C.T.; Francisqueti, F.V.; Souza, D.T. Avaliação da insatisfação da imagem corporal e possíveis transtornos alimentares em estudantes das áreas da saúde de uma faculdade particular de Bauru-SP. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 13. Num. 82. 2019. p. 888-897. Disponível em:

<http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/artic/e/view/1083>.

4-Bighetti, F. Tradução e validação do Eating Attitudes Test (EAT-26) em adolescentes do sexo feminino na cidade de Ribeirão Preto-SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. 2003.

5-Bosi, M.L.M.; Nogueira, J.A.D.; Uchimura, K.Y.; Luiz, R.R.; Godoy, M.G.C. Comportamento alimentar e imagem corporal entre estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Vol. 38. Num. 2. 2014. p. 243-252.

6-Carvalho, P.H.B.; e colaboradores. Checagem corporal, atitude alimentar inadequada e insatisfação com a imagem corporal de jovens universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 62. Num. 2. 2013. p.108-114.

7-Cooper, P.; Taylor, M.J.; Cooper, Z.; Fairbum, C.G. The development and validation of the Body Shape Questionnaire. *International Journal of Eating Disorders*. Vol. 6. 1987. p. 485-494.

8-Cruz, M.C.O.; Campos, L. P.; Maynard, D.C. Influência do comportamento alimentar e da imagem corporal na autoestima de indivíduos. *Advances in Nutritional Sciences*. Vol. 2. Num. 1. 2021. p. 94-105.

9-Di Pietro, M.; Silveira, D.X. Internal validity, dimensionality and performance of the Body Shape Questionnaire in a group of Brazilian college students. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol.31. Num. 1. 2008. p. 21-24.

10-Farias, A.R.C. Padrões de vinculação, autoestima e estados emocionais em crianças institucionalizadas e não institucionalizadas. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades de Tecnologias. Lisboa. 2015.

11-Ferrari, E.P. Percepção da imagem corporal e fatores associados em universitários do curso de educação física. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2012.

12-Fiates, G.M.; Salles, R.K. Fatores de risco para o desenvolvimento de distúrbios

alimentares: um estudo em universitárias. Revista Nutrição. Vol. 14. 2001. p. 3-6.

13-Garcia, C.A.; Castro, T.G.; Soares, R.M. Comportamento alimentar e imagem corporal entre estudantes de nutrição de uma universidade pública de Porto Alegre-RS. Revista HCPA. Vol. 30. Num. 3. 2010. p. 219-224.

14-Garner, D.M.; Olmsted, M.P. Bohr, Y.; Garfinkel, P.E. The Eating Attitudes Test: psychometric features and clinical correlates. Psychological Medicine. Vol. 12. Num. 4. 1982. p. 871-878.

15-Gaudioso, C. E. V.; Souza, J.C.; Magna, L.A.; Botelho, H.N. Imagem corporal e comportamento alimentar em estudantes universitárias. Psicólogo InFormação. Num. 21-22. 2018. p. 5-18.

16-Gonçalves, J. A.; Moreira, E.A.M.; Trindade, E. B. S. M.; Fiates, G. M. R. Transtornos alimentares na infância e na adolescência. Revista Paulista de Pediatria. Vol. 31. Num. 1. 2013. p. 96-103.

17-Guimarães, I.C.T. Estado nutricional, avaliação de transtornos alimentares e autoimagem corporal em universitárias do Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento. São Paulo. Vol. 12. Num. 70. 2018. p. 196-204. Disponível em: <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/articloe/view/677>.

18-Gusmão, A.; Silva, J.F.; Port, A.C.R. A percepção da autoimagem corporal entre universitários. Revista Ciências Nutricionais Online. Vol.1. Num.1. 2017. p.31-35.

19-Heider, N.; Spruyt, A.; Houwer, J. Body Dissatisfaction Revisited: on the importance of implicit beliefs about actual and ideal body image. Psychologica Belgica. Vol. 58. Num. 1. 2018.p. 158-173. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6194529/>.

20-Hutz, C.S.; Zanon, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da Escala de Autoestima de Rosenberg. Avaliação Psicológica. Vol. 10. Num.1. 2011.p. 41-49. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100005.

21-Kirsten, V.R.; Fratton, F.; Porta, N.B.D. Transtornos alimentares em alunas de nutrição do Rio Grande do Sul. Revista de Nutrição. Vol. 22. Num. 2. 2009.p.219-227.

22-Lizot, L. A.B.; Nicoletto, B.B. Comportamento alimentar e imagem corporal em acadêmicos de nutrição de uma universidade privada da serra gaúcha. Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento. São Paulo. Vol. 12. Num. 76. 2018. p.1141-1149. Disponível em: <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/articloe/view/864>.

23-Maia, R.G.; Fiorio, B.C. Almeida, J. Z.; Silva, F.R. Estado nutricional e transtornos do comportamento alimentar em estudantes do curso de graduação em nutrição do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Ceará, Brasil. Demetra: alimentação, nutrição & saúde. Vol.13. Num. 1. 2018. p. 135-145.

24-Moraes, J.M.M.; e colaboradores. Fatores associados à insatisfação corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares entre estudantes de nutrição. Revista de Pesquisa em Saúde. Vol. 17. Num. 2. 2016.p. 106-111.

25-Moreira, D.E.; e colaboradores. Transtornos alimentares, percepção da imagem corporal e estado nutricional: estudo comparativo entre estudantes de nutrição e de administração. Revista da Associação Brasileira de Nutrição. São Paulo. Ano 8. Núm. 1. 2017. p. 18-25.

26-Moura, C.L.F.; e colaboradores. Hábitos alimentares e percepção da imagem corporal em estudantes de nutrição. II Mostra de Trabalhos do Curso de Nutrição do Univag. Vol. 2. 2017. p. 161-172.

27-Nunes, L.G.; Santos, M.C.S.; Souza, A.A. Fatores de risco associados ao desenvolvimento de bulimia e anorexia nervosa em estudantes universitários: uma revisão integrativa. HU Revista. Vol. 43. Num. 1. 2017. p. 61-69.

28-Penz, L.R.; Bosco, S.M.D.; Vieira, J.M. Risco para desenvolvimento de transtornos alimentares em estudantes de Nutrição.

Scientia Medica. Vol. 18. Num. 3. 2008. p. 124-128.

29-Rosenberg, M. Society and the adolescent selfimage. Princeton: Princeton University Press. 1965.

30-Santos, V.S.; e colaboradores. Preocupação com a imagem corporal e a autoestima de universitários do interior de Minas Gerais. Revista Brasileira de Educação e Cultura. Num. 19. 2019. p. 95-105.

31-Silva, L.P.R.; e colaboradores. Dissatisfaction about body image and associated factors: a study of young undergraduate students. Einstein. Vol. 17. Num. 4. 2019. p. 1-7.

32-Silva, J.D.; Silva, A.B.J.; Oliveira, A.V.K.; Nemer, A.S.A. Influência do estado nutricional no risco para transtornos alimentares em estudantes de nutrição. Revista Ciência & Saúde Coletiva. Vol.17. Num. 12. 2012. p. 3399-3406.

33-Stice, E.; Marti, C.N.; Shaw, H.; Rohde, P. Meta-analytic review of dissonance-based eating disorder prevention programs: Intervention, participant, and facilitator features that predict larger effects. Clinical Psychology Review. Vol. 70. 2019. p. 91-107. Disponível em:
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31004832/>.

34-Stunkard, A.J.; Sorensen, T.; Schulsinger, F. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. in Kety, S.S.; Rowland, L.; Sidman, R.; Matthysse, S. editors. The genetics of neurological and psychiatric disorders. Raven Press. 1983. p. 115-120.

35-Tribess, S. Percepção da imagem corporal e fatores relacionados à saúde em idosas. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. 2006. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102432>.

36-Triola, M. F.; Farias, A.M.L; Flores, V. R.L.F. Introdução à estatística: atualização da tecnologia. Rio de Janeiro. LTC. 2014.

37-WHO. World Health Organization. Physical status: the use and interpretation of

anthropometry. Report of a WHO Expert Committee. Technical Report Series. Geneva. Num. 854.1995. Disponível em:
<https://apps.who.int/iris/handle/10665/37003>.

Autor correspondente:
Marília Honorato Santiago.
marilia.honorato.santiago.60@aluno.ifce.edu.br
Rua Cel Serafim Chaves, 758-3.
Centro, Limoeiro do Norte-CE, Brasil.
CEP: 62930-000.

Recebido para publicação em 23/04/2022
Aceito em 05/06/2022